BC intervém duas vezes, mas dólar sobe de novo e é recorde

Indicadores Câmbio

Mesmo com intervenções do BC, dólar sobe 1% e bate novo recorde

— Moeda americana encerrou o dia cotada a R\$ 6,09, marca histórica desde a criação do real; autoridade monetária vendeu US\$ 4,62 bilhões ao mercado ontem

Novas críticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Banco Central e a piora das perspectivas do Tesouro para a dívida do governo se somaram ontem a um cenário já nada bom e fizeram o dólar bater um novo recorde histórico desde a criação do real. Mesmo com duas intervenções do BC durante as operações, a moeda americana fechou o primeiro dia da semana cotada a R\$ 6,09, com alta de 1,03% em relação a sexta-feira. Foi a terceira valorização consecutiva do dólar, que segue indiferente às ações da autoridade monetária

para tentar conter a desvalorização do real.

Segundo analistas, além da procura por dólares para remessas de empresas ao exterior, há uma demanda por proteção cambial que reflete o aumento da percepção de risco fiscal do País.

A demora na apreciação das medidas de cortes de gastos pelo Congresso, em uma janela cada vez menor de prazo, e as pressões para que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, entre em campo para evitar desidratação do pacote são parte importante desse cenário desafiador

para tentar conter a desvalorização do real.

Além de serem consideradas insuficientes, as medidas de contenção de gastos do governo podem ser diluídas no Congresso,

**Morosidade
Dificuldade do governo
em fazer avançar pacote
de gastos no Congresso
também pesa contra o real**

que tem prazo exiguo para aprová-las ainda neste ano. O recesso parlamentar começa no dia 23 e vai até 1.º de fevereiro de 2025.

“O dólar segue em tendência de alta, que está muito ligada à questão do risco, com as incertezas fiscais e a piora nas estimativas de inflação. Isso afasta investimentos do País. Mesmo com o BC atuando, o real continuou a se depreciar”, diz a economista-chefe do Ouribank, Cristiane Quartaroli, lembrando que há ainda um clima de cautela à espera da decisão do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) sobre o rumo dos juros nos EUA.

Pela manhã, o BC realizou dois leilões de dólares à vista com compromisso de recom-

pra, em operações que somaram US\$ 4,62 bilhões (R\$ 28,2 bilhões). Foi o terceiro dia útil seguido com leilões de dólares desde a quarta-feira da semana passada, quando o Comitê de Política Monetária (Copom) apertou o passo e aumentou a taxa básica de juro (Selic) em um ponto percentual, para 12,25%, sinalizando mais duas outras altas de mesma magnitude. O choque nos juros é uma tentativa de conter a inflação diante da desconfiança do mercado quanto à disposição do governo de equilibrar suas contas.

DÍVIDA MAIOR. Ainda ontem, o Tesouro Nacional divulgou relatório em que aponta a piora do grau de endividamento do governo nos próximos anos, tendo como pano de fundo a deterioração das condições resultante do novo ciclo de alta do juro e do acúmulo de resultados negativos entre as despesas e a arrecadação do governo – o chamado déficit primário (mais informações na pág. B4). ● COM ANTONIO PEREZ

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1